

# **V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA**

**ARQUIVOLOGIA E INTERNET:  
CONEXÕES PARA O FUTURO**

**01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA**  
Pestana Bahia Hotel

## **PLENÁRIAS**

[www.enara.org.br/cna2012](http://www.enara.org.br/cna2012)  
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

---

## SUMÁRIO

**430 ANOS DEPOIS... E OS MANUSCRITOS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA ESTÃO A DISTÂNCIA DE UM –CLICK?! -** Alícia Duhá Lose (UFBA/Mosteiro de São Bento)

**A PALEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS -** João Eurípedes Franklin Leal (CONARQ/UNIRIO)

**DIPLOMÁTICA: DAS CHANCELARIAS MEDIEVAIS ÀS ESTAÇÕES DE TRABALHO -** Rosely Curi Rondinelli (Fundação Casa de Rui Barbosa)

**DIGITAL DIPLOMATICS: THE APPLICATION OF CLASSIC DIPLOMATICS TO DIGITAL RECORDS -** Sherry L. Xie (UBC/Canadá)

**POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS, DADOS ABERTOS, GOVERNO ABERTO E LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: INDAGAÇÕES E PERSPECTIVAS -** José Maria Jardim (UNIRIO)

**GESTÃO DE DOCUMENTOS EM AMBIENTES CONECTADOS: O PRONTUÁRIO ELETRÔNICO DE PACIENTES -** Jorge Alberto Soares Cruz (FURG)

**DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DIGITAIS PRODUZIDOS E MANTIDOS EM AMBIENTES CONECTADOS -** Claudia Lacombe Rocha (CONARQ/CTDE)

**O ARMAZENAMENTO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DIGITAIS NA NUVEM: CLOUD COMPUTING -** Daniel Flores (UFSM)

**INTERNET E ARQUIVOLOGIA: INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS, USUÁRIOS E LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO -** Anna Carla Almeida Mariz (UNIRIO)

**REFLEXOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA INTERNET SOBRE A ARQUIVÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS -** Vanderlei Batista dos Santos (Câmara dos Deputados)

## 430 ANOS DEPOIS... E OS MANUSCRITOS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA ESTÃO A DISTÂNCIA DE UM “CLIC”?!

Profa. Dra. Alícia Duhá Lose

[alicialose@saobento.org](mailto:alicialose@saobento.org)

(Faculdade São Bento da Bahia/Centro de Pesquisa e Documentação do Livro Raro do Mosteiro de São Bento da Bahia)  
(Instituto de Letras/Universidade Federal da Bahia)

### RESUMO

Este artigo pretende apresentar o comportamento de editor de textos manuscritos frente aos avanços proporcionados pela Era Digital, assim como discutir o papel dialogal da paleografia neste ambiente de interatividade, interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade.

**Palavras-chave:** Paleografia. Edição. Tecnologia. Interdisciplinaridade.

Esta foi a expressão de um monge, surpreso, ao ver o resultado de um dos trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia. O trabalho em questão era a edição digital, ainda em fase de elaboração, de um dos volumes dos Livros do Tombo do Mosteiro.

A palavra escrita é uma valiosa fonte de recuperação de informação e fazê-la chegar a gerações futuras requer a colaboração consciente por meio da conservação, preservação e acesso aos textos nela lavrados. Conservar textos antigos, que retratam a história de uma sociedade e de uma época é colaborar para a conservação da cultura. Divulgá-lo é ampliar inquestionavelmente o acesso a ela.

“O pergaminho foi a ponte entre o papiro e a imprensa, transportando para séculos mais recentes parte do que gregos e romanos produziram no campo do pensamento.” (MILANESI, 2002, p. 21-22). Agora este papel parece estar a cargo do computador e a tudo o que com ele se relaciona.

Em épocas de ultraespecialização, nossa fala aqui quer levar em consideração a generalidade de tarefas, funções e atividades que passaram a fazer parte do cotidiano daqueles que se debruçam sobre o trabalho paleográfico.

A atividade mais aparente deste labor é a leitura e transcrição de textos manuscritos para que o conteúdo neles lavrado possa ser decodificado sem maiores

dificuldades por outrem. Engana-se aquele que, no entanto, pensa que o trabalho do paleógrafo se inicia pela etapa da decodificação. E, mais ainda o que imagina ver hoje em dia o especialista debruçado por longos períodos, de lupa em punho por sobre o documento.

Entra aqui um dos recursos mais difundidos e bem aceitos deste diálogo paleografia X tecnologia: a digitalização dos documentos; o também chamado fac-símile digital. E aqui fazemos nossa primeira parada para levantar alguns pontos que precisam ser levados em consideração, pois é sobre ele, esse fac-símile digital, que se faz toda a transcrição. Portanto, é imprescindível que tais imagens tenham qualidade significativa para que possam proporcionar ampliações em boa resolução para dirimir dúvidas e desfazer leituras duvidosas. Porém, a qualidade da imagem não pode relegar a segundo plano a segurança física do original. Portanto, é necessária a utilização de técnicas e equipamentos que não interfiram na “saúde” do suporte, no ph do papel, na acidez da tinta, na estabilidade das fibras. Para isso precisam ser ponderados itens como manuseio, luminosidade, espécie e tamanho da superfície digitalizadora, etc. não só porque a paleografia se ocupa também da parte extrínseca dos documentos – levando em consideração aspectos gráficos de suma importância para o procedimento paleográfico, como o tipo de letra do documento, traços particulares da escrita, tamanho e ângulo da letra; o uso e a disposição de maiúsculas e minúsculas ao longo do texto, união ou desmembramento de palavras nas frases, pontuação e acentos, abreviaturas e sinais; suporte da escrita (tipo de papel, pergaminho, ou outro material), instrumentos utilizados para escritura, tipo de tinta, medidas do documento e quantidade de linhas da mancha escrita, além do seu estado de conservação – mas, principalmente porque também é nosso papel primordial zelar pela segurança física do documento original para que ele possa permanecer habilitado a consulta para que o trabalho realizado pelo editor possa ser sempre cotejado, questionado, comprovado. Caso contrário, feriríamos a máxima do trabalho paleográfico/filológico de que *nenhuma edição é definitiva*.

Além disso, um bom trabalho nesta etapa tem que gerar boas imagens e de uma única vez, que devem ser armazenadas em segurança – livre do acesso de vírus, de transmissões indevidas e da obsolescência – para seu acesso sempre que necessário e/ou autorizado. Para isso, levem-se em consideração às recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes do CONARQ (2010).

Não estamos dizendo aqui que o paleógrafo precisa se ter como um homem dos mil instrumentos, sabendo, ele próprio, operar com maestria estas ferramentas. No entanto, parece-nos indispensável àquele que se responsabiliza por uma edição saber avaliar a qualidade, em todos os aspectos aqui citados, do serviço que o oferecem.

Fazer a leitura do documento a partir do fac-símile digital diretamente na tela do computador ainda hoje não é ponto bem aceito pelos mais conservadores profissionais da área. No entanto, parece-nos contrassenso traduzir do analógico para a digital e retornar ao analógico imprimindo cópias, muitas vezes, de qualidade duvidosa para leitura da transcrição.

Ao ler na tela o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas [...] ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente que é dotado de todos os pontos de referência da forma do livro, desde os primeiros séculos da era cristã: paginação, índice, tabela etc. É o cruzamento das duas técnicas: a do rolo e a do códex. (CHARTIER, 2002, p. 106)

Quanto ao uso dos editores de texto para realizar a transcrição, no entanto, a estas alturas, acreditamos não haver mais nenhum tipo de resistência. Porém, esta etapa do trabalho também precisa se cercar de cuidados e considerações. Uma delas é a escolha de formatos democráticos, que dialoguem com maior número de programas possíveis e que sejam de simples utilização pelo usuário. Outra é a “preparação” do editor de texto para receber as informações que nele serão lançadas, para evitar que o computador trabalhe contra o editor. Ações básicas como desabilitar as autocorreções, instalar fontes que permitam a utilização de acentos e sinais não convencionais aos textos modernos são ações indispensáveis ao paleógrafo moderno.

Atente-se, ainda, para que este cuidado seja tomado em todos os computadores que serão usados para realização deste trabalho, pois uma das grandes vantagens destes recursos é a mobilidade que eles dão ao trabalhador, já que as digitalizações dos documentos permitiram ao pesquisador levar consigo volumes impensáveis de informações para onde quiser, permitiram também que o trabalho possa ser realizado em diversas máquinas diferentes, em casa, no gabinete de trabalho, no arquivo.

Pensando no trabalho do paleógrafo como lastro para inúmeros outros trabalhos e análises de áreas afins, novas possibilidades também pressupõem a inclusão e o detalhamento de novos critérios de transcrição, visto que as possibilidades no trato com as informações também ganham novas roupagens. Portanto, o tão consagrado uso de

marcadores para o desdobramento das abreviaturas pode estar com os dias contados quando o objeto da transcrição se presta a análises linguísticas, na vertente da linguística de corpos, por exemplo.

Com a abertura para o infinito universo da tecnologia os modelos clássicos de edições de textos (as consagradas transcrições paleográfica, diplomática, semidiplomáticas) ganham também ampliações permitidas pelas edições sinópticas, digitais, eletrônicas, etc.

Seguindo essa lógica, “[...] esse uso crescente da comunicação eletrônica tem provocado mudanças no processo de comunicação científica propriamente dita, na medida em que suscita alterações nas interações dentro das comunidades científicas (COSTA, 2000, p. 97)

Em um texto tratando das mudanças no processo de comunicação científica, analisando o impacto do uso das novas tecnologias, Sely Costa (2000, p. 91) afirmava que pesquisadores na área das ciências humanas e sociais são mais resistentes em assimilar o uso corrente das novas tecnologias nos seus trabalhos cotidianos.

Este mesmo texto levanta questões como os desconfortos e a relativa discriminação em relação aos pesquisadores que resistem a se adaptar a tais mecanismos tecnológicos. Apesar de nas etapas iniciais de elaboração dos trabalhos o uso das tecnologias já gozar atualmente de grande prestígio, em relação à publicação do produto final propriamente dito, o prestígio destas “[...] fontes de informação em meio impresso parece continuar inabalável” (COSTA, 2000, p. 97). Assim, a coexistência dos meios impresso e digital constitui, de fato, um novo paradigma no sistema de comunicação científica. O meio eletrônico/digital constitui no momento – e assim tende a permanecer por muito tempo ainda – um complemento para o meio impresso. (COSTA, 2000, p. 97).

O fato é que, como qualquer evolução, a princípio, a transposição de edições para formatos digitais seguiu a tendência dos trabalhos feitos de maneira estática, no suporte consagrado por séculos, o papel. Assim, as primeiras edições, certamente por receio e falta de ousadia, com uma pitada de saudosismo e falta de condições técnicas para o momento apresentaram-se como edições híbridas, combinando a metodologia do impresso com as ferramentas do eletrônico.

No entanto, cada vez mais, torna-se difícil conjugar os dois universos, visto que os métodos e as técnicas utilizados para a elaboração de edições em formato digital não permitem a simples impressão da edição sem prejuízo da qualidade do resultado final. Trata-se agora de uma mudança de paradigmas, configura-se uma nova forma de “raciocinar” o trabalho do editor.

Assim, as edições digitais a que nos propomos (Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia<sup>1</sup>) não alteram meramente o formato de apresentação. Elas apresentam um texto que nasce com suas propriedades em leitura hipermidiática; são uma outra forma de “ler” os nossos objetos de estudo, permitindo ao leitor que este faça suas escolhas dentro da edição – assim como as páginas do códice permitiu em relação ao rolo. Além disso, as edições digitais permitem ao editor oferecer ao leitor uma gama substancial e coerente de informações correlacionadas, disponíveis em outros ambientes digitais e em diversos formatos diferentes, permitindo oferecer avizinhados descrição, localização do original em arquivo, fac-símiles digitais, critérios de edição, transcrição, e aspectos complementares como a época e o contexto em que o texto foi lavrado, sua origem, ponderações sobre sua originalidade e todos os demais elementos que possam dar sentido ao documento editado e que o paleógrafo julgar como necessários para a boa compreensão da edição em relação ao público-alvo.

“Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras: universalidade e interatividade.” (CHARTIER, 1999, p. 134) Esta universalidade se reflete na quantidade de áreas, teorias e profissionais que poderão dialogar durante a realização de um trabalho de edição.

Quanto maior o conhecimento sobre a história da escrita, história das línguas, história do livro e das bibliotecas; noções sobre a estrutura e a composição físico-química dos instrumentos da escrita e dos princípios básicos de conservação, maior vai ser a condição de o paleógrafo discorrer sobre a veracidade e fidedignidade, a datação e a autenticidade do documento. Quanto maior for seu conhecimento sobre o conteúdo do texto, maiores vão ser as chances de fazer uma leitura acertada.

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado em parceria entre a Faculdade São Bento da Bahia e o programa de Pós-Graduação em Letras da UFBA, sob a coordenação das Profas. Alcía Duhá Lose [Faculdade São Bento] e Célia Marques Telles [UFBA].

Longe de acharmos que a atividade do paleógrafo se restringe à simples transcrição e decodificação de signos, afirmamos que além de muita técnica e acuidade na leitura, definição de critérios claros e coerentes, é preciso conhecimento – quanto maior, melhor – sobre o conteúdo do texto que está sendo transcrito, conhecimento do jargão, dos termos técnicos e da semântica, da sintaxe e, até mesmo, da prosódia própria do texto para, de fato, realizar uma boa leitura que, por sua vez, irá subsidiar uma boa edição.

A relação entre todos estes pontos é, e assim deve ser, bastante estreita, mas não é possível acreditar que um profissional isolado dará conta dessa diversidade com qualidade.

É consenso dizer que a “paleografia é uma auxiliar da história”, por exemplo. Mas, poderíamos dizer também que a história é que não pode abrir mão da paleografia: sua auxiliar mais correta e mais segura. (MARTÍNEZ, 1991) Afinal, é através da paleografia que o historiador acessa aos dados primários, tão essenciais à compreensão e ao estudo da história. É evidente que as conclusões alcançadas por um paleógrafo após um exame exaustivo (ainda que externo) sobre o documento escrito, proporcionam ao historiador poderosos critérios para julgar o fenômeno histórico que está em questão (MARTÍNEZ, 1991).

Acreditamos que esta universalidade e interatividade referidas acima só possam ser proporcionadas pela interdisciplinaridade, definida aqui como a interação de duas ou mais disciplinas, podendo implicar transferências de conceitos e métodos de uma para outra, originando, por vezes, outra disciplina, como é o caso da Psicolinguística, por exemplo e pela pluridisciplinaridade que espelha a existência de relações complementares entre disciplinas mais ou menos afins.

Tomando de empréstimo as palavras de Tomás Marín Martínez, admite-se que a Paleografia tenha relação com todas as ciências em geral.

Para entender esta relación no debe perderse de vista que cualquier clase de ciencia constituye un fenómeno social y humano, sometido como tal al correspondiente proceso histórico. Pero dicho proceso no puede conocerse sino a través de los textos escritos donde han ido quedando recogidas y plasmadas las manifestaciones de esas ciencias. Es, pues, necesario e imprescindible para conocer el origen y desarrollo de las disciplinas científicas más diversas (Teología, Medicina, Ciencias Naturales, Filosofía, Matemática, Literatura, Geografía, Música, etc.) contar con la Paleografía,

así para leer los textos respectivos como para someterlos a la conveniente crítica, montada precisamente sobre los elementos externos de dichos textos. (MARTÍN MARTINEZ, v. 1, 2005, p. 35)

Afirma-se, ainda, no mesmo texto que algumas ciências são especialmente mais “necessitadas” do auxílio da Paleografia.

Dentro del cuadro de las ciencias históricas, todavía hay algunas que están más especialmente necesitadas de la ayuda paleografica, por ejemplo, la Genealogia y la Heráldica. [...] Y casi tanto como la Historia, la Filologia necesita para sua fines científicos ser servida por la Paleografia. (MARTÍN MARTINEZ, v. 1, 2005, p. 35)

### Sendo a Filologia

[...] o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas. (AUERBACH, 1972, p. 11)

Desta forma, a Filologia também é a área que se ocupa do estudo de manuscritos que guardam a história da civilização. Surgida a partir dos trabalhos dos eruditos da Biblioteca de Alexandria, ela se divide em dois ramos: um trabalha com a história da língua e suas mudanças (Linguística Histórica) e o outro trabalha com a história do texto (Crítica Textual), sendo estes dois universos indissociáveis, pois os objetivos e metodologia dos dois ramos são interdependentes, visto que a análise da língua é fundamental para o estabelecimento do texto crítico, assim como uma boa edição de um texto traz para o estudo linguístico a língua mais próxima possível de sua realidade histórica. A Crítica Textual utiliza a Linguística para estudar os textos e a Linguística utiliza os textos para descrever a língua. Há, então, uma relação de troca e dependência entre os dois ramos da Filologia, um sempre servindo de base para a elaboração do outro. (TELLES, 2000)

A Filologia, desta forma, não é apenas a investigação do instrumento linguístico como tal, apesar de utilizá-lo para penetrar nos textos construídos em determinadas línguas, com o objetivo de restaurar, depurar e interpretar estes textos. Assim, a Filologia segue como auxiliar e ao mesmo tempo como apoio a diversas outras disciplinas, perdendo sua pretensão de onipresença (CANO AGUILAR, 2000).

Portanto, parece-nos mais acertado tratar a Filologia não propriamente como uma ciência interdisciplinar, mas sim como uma ciência pluridisciplinar.

Assim, seja pelo método seja pelo objeto, entre as disciplinas e áreas relacionadas à filologia cujos diálogos são mais lembrados nos manuais utilizados pelos pesquisadores estão a Paleografia e a Diplomática, a Ecdótica, a Codicologia, além, evidentemente, da Linguística e da História.

Porém, estamos longe aqui da afirmação defasada de que a paleografia é uma “ciência auxiliar”. Estamos, antes, dizendo que ela é uma ciência dialogal, prioritariamente interativa. E esta interação ganha dimensões estratosféricas com os recursos postos à disposição pela tecnologia.

Assim, edição digital/eletrônica mostra-se um tipo completamente adequado a um trabalho interdisciplinar, aliando a atividade do paleógrafo, do historiador, do filólogo e de outros especialistas, a depender do conteúdo do documento e do enfoque que se quer dar a edição, pois permite trabalhar não só o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o paleógrafo adentrasse esse texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza.

Esse diálogo entre todas as partes é sempre fundamental para uma boa edição e as edições digitais/eletrônicas possibilitam esse diálogo de forma natural e soberana.

## REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário de Azevedo. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- MILANESI, Luís. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. 2. ed. Santa Maria: EDUFMS, 1995.
- CANO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*. Madrid: Editorial Castalia, 2000.

- CASTRO, Ivo. O Retorno à filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários* in memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 516.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.
- CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS – CONARQ. *Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes*. Rio de Janeiro: CONARQ, 2010.
- COSTA, Sely M. S. A mudança no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLES, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. *Comunicação científica*. Brasília: Departamento de Ciências da Inovação/Universidade de Brasília, 2000. p. 85-105. (Estudos Avançados em Ciências da Informação, 1).
- DUARTE, Luis Fagundes. Prática de edição: onde está o autor? In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1995, São Paulo, *Anais...* São Paulo: APML; ANNABLUME, 1995.
- LOSE, Alícia Duhá. A Crítica textual e as novas tecnologias. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 63-78.
- LOSE, Alícia Duhá. *Arthur de Salles: esboços e rascunhos*. 2004. 265f. il. + anexos + 1 CD-ROM (edição digital). Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – PPPGLL do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Orient.: Profa. Dra. Célia Marques Telles.
- LOSE, Alícia Duhá. Filologia: diálogos possíveis. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 5, 2010, Salvador. *Anais...*, Faculdade São Bento, 2012.
- LOSE, Alícia Duhá. Edição digital de texto manuscrito: filologia no séc. XXI. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, p. 05-17, jan.-dez. 2012.
- MARÍN MARTINEZ, Tomás. *Paleografia y Diplomática*. 2 v. Madrid: Universidad Nacional de Educación a distancia, 2005.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. A Lição do texto: filologia e literatura (Idade Média). Lisboa: Edições 70, 1979. (Coleção Signos, 20)
- SOUZA, Ana. Análise do sítio *The Geoffrey Chauce websiter homepage*. Diglitweb. Disponível em: <<http://www.uc.pt/diglit/DigLit%20Ensaios/Ensaios%202003-2004/Ensaio22>>. Acesso em: 08 jun. 2006.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica; EDUSP, 1994.

---

TELLES, Célia Marques. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 25/26, p. 91-119, jan.-dez. 2000.